

**RESENHA DO LIVRO PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS, DE FRANTZ
FANON**

Anderson José Guedes Bezerra dos Santos¹

Renan Cândido de Oliveira²

Nascido em 20 de julho de 1925 na ilha da Martinica, Frantz Fanon é um dos pensadores mais importantes do século XX. Psiquiatra, filósofo, cientista social e revolucionário, sua obra colaborou para os movimentos sociais e políticos na África e na Diáspora Africana.

Quando jovem, foi duas vezes condecorado com bravura ao lutar junto às forças de resistência no norte de África e na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Estudou psiquiatria e filosofia na França, gerenciou o Departamento de Psiquiatria do Hospital Blida-Joinville na Argélia (renomado Hospital Frantz Fanon), dedicou-se à luta contra o racismo e o colonialismo fazendo parte da Frente de Libertação Nacional da Argélia, entrou para a lista de mais procurados no território francês, passou o resto de sua curta vida se dedicando à luta e, principalmente, à ajudar aos condenados pelas instituições coloniais e racistas. Fanon morreu aos 36 anos, em 6 de dezembro de 1961, em Bethesda, estado de Maryland, nos Estados Unidos, de pneumonia ao mesmo tempo que procurava tratamento para sua leucemia.

Suas ideias influenciaram diversas obras no pensamento político e social e nos estudos sobre cultura e filosofia. Em homenagem à sua vida e obra, a Associação Filosófica Caribenha outorga o Prêmio Frantz Fanon por obras excepcionais do Pensamento Caribenho. Autor de quatro grandes obras, entre elas *Les damnés de la terre* (Condenados da terra, 1961), que foi publicado postumamente, foi seu livro mais conhecido e escrito enquanto padecia de leucemia. Também escreveu *Sociologie d'une révolution:algérienne* em 1959, *Peau noire, masques blancs* (Pele negra, máscaras brancas) em 1952 e *Pour la révolution africaine* que também foi publicado postumamente em 1964.

Peau noire, masques blancs, objeto desta resenha, foi publicado quando Fanon tinha apenas vinte e sete anos, e foi escrito, aos vinte e cinco anos, para ser sua tese de doutorado em psiquiatria, contudo foi recusado pela comissão julgadora.

Na introdução da obra, o autor apresenta seu objeto de estudo, através de uma análise psicológica, que é a entender a relação entre o homem negro e o homem branco. Estabelece

¹ Graduando em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Graduando em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF).

que o negro tem como objetivo, e destino, ser branco e o branco se dedica a se apossar da condição de ser humano. Ele preconiza que, tendo em vista a convivência das raças branca e negra, há uma aceitação de um complexo psicoexistencial o qual precisa ser destruído após análise. Reconhece que muitas pessoas pretas e brancas não encontrarão autoconhecimento em sua obra, não obstante acredita que essa não aceitação seja resultado de uma cultura colonialista e mecanismo de manutenção de classes sociais em uma sociedade capitalista.

No primeiro capítulo, intitulado *O negro e a linguagem*, Fanon começa estabelecendo que o negro tem duas características comportamentais distintas, conseqüentes de uma ideologia colonial, no que tange sua atitude ao se relacionar com outro negro e, diferentemente, com um homem branco. Sugere que quando o homem possui uma linguagem, carrega consigo o mundo de significados e culturas que esta, implicitamente, possui, exemplificando com a aproximação do homem negro antilhano ao homem branco na medida em que aquele adota a língua francesa como forma de se comunicar.

Indo além da Antilhas, o autor consubstancia que toda população que teve sua língua e cultura massacrada e inferiorizada por uma nação civilizadora, encontra na assunção da linguagem da metrópole uma forma de se afastar do estado de selvageria ao qual se encontrava antes do processo colonial se estabelecer e se aproximar do ideal de ser humano. Indaga o motivo pelo qual os antilhanos que retornam de uma temporada na França trazem consigo um ar de superioridade, adotando uma atitude crítica em relação a sua língua materna e aos costumes de sua sociedade original.

Fanon também observa a forma como homens brancos se dirigem aos negros, usando expressões como *petit-nègre* (pequeno negro, negrinho), comportam-se de maneira semelhante a um adulto falando com uma criança, além de usar gestos artificiais com o intuito de facilitar a comunicação, pois entende que o interlocutor tem baixa capacidade cognitiva de interpretação, e, portanto, considera tal comportamento patológico, entende que a utilização de uma comunicação infantilizadora é resultado de uma visão que o negro não tem cultura, nem passado histórico, como se o povo negro fosse novo na história da humanidade e estivesse traçando seus primeiros passos como civilização.

Por conseguinte, em *A mulher de cor e o branco*, o autor reflete sobre a relação amorosa entre a mulher negra e o homem branco frente ao sentimento de inferioridade que escraviza a pessoa negra. Ele começa analisando o romance autobiográfico *Je suis Martiniquaise*, escrito por Mayotte Capécia, no qual ela descreve sua relação com um oficial branco e a impossibilidade de ser aceita enquanto mulher negra em um ambiente dominado por pessoas brancas, e esse é motivo de sua amargura.

Segundo Fanon, a autora possui uma visão maniqueísta do mundo, enxergando o branco e o negro como pólos opostos e conflitantes. Citando o episódio em que Mayotte, ainda criança, jogava tinta em cima da colega com o intuito de torná-la negra, e, quando adulta, o fato de ter se tornado uma lavadeira de roupas bastante procurada pelas pessoas brancas, fato do qual se orgulha, não pelo trabalho, mas sim pela proximidade com um povo no qual ela sonhava em se inserir, o que fica notado na forma que ela descreve o objeto de seu amor, como um homem loiro de olhos azuis do qual ela aceita tudo. O autor critica a forma como todas as martinicanas, assim como Mayotte, desejam salvar a raça negra, não no sentido de assegurar a sua origem, mas sim de embranquece-la. Entende que a questão central é saber se o negro conseguirá superar o sentimento de inferioridade.

No mesmo capítulo, Frantz Fanon analisa o romance *Nini* escrito por Abdoulaye Sadjí, o livro conta a história de Mactar, jovem negro e idealista, que se apaixona por Nini, uma mulher, mulata, “quase branca”, e a escreve se declarando. Entretanto, essa se sente ultrajada pela ousadia do homem em declarar-se a ela, pois esta sente-se superior e aquele não é digno nem mesmo de escrevê-la, judicializando o caso a fim de que aquele seja punido. Fanon utiliza essa passagem para explicitar a reação de uma mulher negra a uma declaração vinda de um semelhante. Utilizando a obra daquele mesmo autor, Fanon exemplifica a aceitação e reconhecimento como branca da mulata Dédée ao ser pedida em casamento por Monsieur Darrivey, europeu branco. Após o casamento, aquela se tornou uma mulher branca e passou a integrar uma casta a qual não tinha acesso.

O autor emprega essas histórias como esboço para explicar sua teoria de que, ambos os personagens femininos tentam interiorizar valores brancos como forma de não se sentirem inferiores. O autor denomina essa tentativa da mulher negra de ser admitida no mundo branco de *eretismo afetivo*.

Em *O homem de cor e a branca*, terceiro capítulo, o autor tenta compreender a relação entre um homem negro e uma mulher branca utilizando um romance de René Maran cujo personagem central é Jean Veneuse, homem negro de origem antilhana que mora em Bordeaux, na França, que não compreende sua raça e nem compreendido pelos brancos. Jean ama Andréa Marielle, mulher branca européia, e esta o corresponde igualmente, porém aquele, soturno e melancólico, teme propô-la em casamento por se considerar inferior.

Mesmo sendo um homem com formação profissional e acadêmica, e benquisto pelos seus compatriotas franceses, os quais não o consideram negro pois este se comporta como homem branco, é lido por aqueles como “excessivamente moreno”, Jean não se sente à altura da amada. Fanon comenta esse trecho como um processo comum aos estudantes negros na

França, os quais não são considerados negros, pois que negros são aqueles que vivem no estado de selvageria.

O autor recorre à obra de Germaine Guex, *La névrose d'abandon* (O síndrome do abandono), para compreender a personalidade de Jean percebe que este possui uma atitude de recriminação em relação ao passado, desvalorização de si e impossibilidade de ser compreendido como gostaria, consequência de ter sido enviado para estudar na França ainda criança, longe da família e do seu povo de origem, o personagem tem uma sensação de abandono por parte dos pais e, destarte, execra a possibilidade de amar alguém pois acredita que possui uma necessidade de vingança e, ao amar, fará o terceiro sofrer ao perpetuar o abandono. Frantz Fanon finaliza o capítulo diagnosticando Jean como abandonado negro, e preconiza que este não é um bom exemplo de relação entre negros e brancos, é apenas um neurótico, que, por acaso, é negro.

No quarto capítulo da obra, denominado *Sobre o pretensão complexo de dependência do colonizado*, Fanon refuta a ideia, preconizada pelo pesquisador Mannoni, de que o sentimento de inferioridade da pessoa negra seja anterior ao processo de colonização. Também discorda que o racismo colonial seja diferente dos outros racismo, afirmando que o racismo praticado na África do Sul em nada difere do praticado na França, posto que Mannoni afirma que a supremacia racial ocorre apenas em sociedades onde o negro é minoria populacional.

Fanon defende que a inferiorização racial ocorre por ação do racista, independentemente da proporção entre brancos e negros em uma região, e que a oposição entre o negro e o branco começa no momento em que este questiona a humanidade daquele, um só existe porque o outro existe. E como o negro é desumanizado, ele tenta se igualar ao branco para ter sua humanidade reconhecida, estabelecendo um complexo de dependência fomentado pela sociedade que depende da manutenção desse complexo.

Em seguida, no capítulo *A experiência vivida do negro*, o autor menciona que "enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro" (FANON, 2008, página 103). Posteriormente, o autor relata no decorrer do texto o pensamento do branco colonizador de que a reflexão acerca do sentido mais abrangente do próprio ser humano é irrealizável em sua sociedade colonizada e civilizada, sendo que isso não ocorreria meramente por ser um grupo de pessoas colonizadas, mas em específico por ser um grupo de pessoas negras, pois estas não teriam resistência ontológica, ainda na concepção do branco colonizador.

Nesse sentido, é narrado um sentimento de despertamento ao próprio corpo negro.

Isso decorre de uma crise existencial de saber que ao estar perto de brancos, haverá uma série de discriminação em torno de julgarem-no como não civilizado, feio, assustador e outros adjetivos pejorativos conforme previamente isso já ocorreu – entendendo-se que estar destoante aos padrões da "branquitude" significaria um desvio de comportamento ou até mesmo de aparência física. Em caso de elogio, o fazem com o acréscimo de "apesar da sua cor"; em caso de erro, a punição social será mais severa que o branco sofreria – em suma, diferentemente do branco, o negro não tem espaço na sociedade para ser medíocre.

Assim, o autor reflete acerca de quantas imposições sociais dos colonizadores brancos o compõem, bem como compõem os outros negros do mundo. Nesse contexto de desumanização, era inevitável que ele conquistasse qualquer forma de reconhecimento por suas diversas conquistas na sociedade devido às hesitações de inserção social. "Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse" (FANON, 2008, página 107).

Dessa forma, visto que o reconhecimento humano era negado, ele optou por reconhecer-se a si mesmo como tal e, logo, a afirmar-se como negro visto que seria impossível livrar-se do que denominou "um complexo inato" (FANON, 2008, página 108). Diferentemente do perfil do negro supramencionado nos capítulos em que ele deseja se tornar branco, esse perfil busca a maior autenticidade possível a partir de esforços para descobrir a sua real personalidade em sua identidade negra.

No capítulo 6, *O preto e a psicopatologia*, o autor afirma que a psicanálise promove uma inadequação dos esquemas correspondentes diante da realidade que oferece o negro. Progressivamente, conclui-se que há substituição de dialética quando se passa da psicologia do branco para a do negro. Logo após, relata-se em contraste que, enquanto os judeus têm sua inserção na sociedade na forma de competição vista como uma ameaça aos privilégios dos franceses brancos que não são judeus, o negro tem a sua personalidade reduzida a uma potência sexual, caracterizando-o como selvagem, viril e violento.

Essa hiperssexualização do negro, questiona-se o autor, poderia chegar ao ponto de ser vista como uma ameaça ao branco devido a este ter um sentimento de impotência e inferioridade sexual, embora seja uma mera construção errônea feita pela própria sociedade dominante. Dessa forma, ao sujeito negro é negado o reconhecimento de suas capacidades intelectuais e de ser um ser cognoscente, que seria também capaz de trazer o progresso social por meio de seus atributos intelectivos.

Nessa parte do texto, Fanon relata que o homem enquanto homem negro foi levado a seguir uma lógica diante da sociedade de assumir um posto de passividade em suas atividades,

que para existir nessa sociedade necessita ratificar a ideia de superioridade branca em detrimento da inferioridade negra. “O negro quer ser branco o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, página 27).

Nisso, dentro da sociedade, o negro sofre um processo de alienação da sua própria existência, sua personalidade é escondida atrás das cortinas do racismo e do colonialismo, que acaba por construir sujeitos subordinados. Após apontar uma série de problemas, Fanon tenta difundir ideia de liberdade do negro no sentido de que esses indivíduos assumam a consciência e tomem por si próprios as rédeas de sua existência.

No capítulo sete, *O preto e o reconhecimento*, Frantz Fanon relata duas teorias psicanalíticas sobre o negro na sociedade: a de Adler e a de Hegel. Segundo o primeiro, o negro tenta protestar contra a inferioridade a ele imposta e, assim, reage por intermédio de um complexo de superioridade. É mencionado que o negro antilhano, por exemplo, sente a necessidade de rebaixar o próximo (negro) para que ele se sinta bem, caracterizando-se pelo desejo de dominar o outro. "Sou Narciso e quero ler nos olhos do outro uma imagem de mim que me satisfaça" (FANON, 2008, página 176).

Com isso, a aprovação do próximo passa a ser muito importante, como se este tivesse sempre que gostar dos seus diversos atributos, pois caso contrário seria tolice do próximo (desprezível) e um sentimento de inferioridade a si próprio ocorreria intensamente devido a seu ego frágil. Assim, a valorização era muito mais voltada ao sujeito que ao objeto. Como origem disso, Adler aponta que é consequência de um processo histórico de inferioridade que faz com que os negros do local sintam a necessidade de reverter esse processo de modo a menosprezar o próximo a partir de um complexo de superioridade, tendo a coletividade antilhana essa neurose de comparação.

Nesse sentido, é comum que o negro tente provar "sua branquitude" aos outros e a si mesmo. A exemplo dessa constatação de Adler, é notado desde o século XVI em uma peça espanhola chamada *El valiente negro de Flandres*, de André de Claramunte, que o fato do negro protagonista, Juan de Mérida, não ser escravo (quando a maioria dos negros do local era) faz com que axiologicamente ele se sinta branco, o que ele considera positivo e humanamente superior perante as demais pessoas negras.

O fato de Juan ter a pele negra, contudo, provoca nele uma angústia paradoxal que gera uma necessidade de ele provar "sua branquitude" aos outros e a si mesmo a partir de seu comportamento. No fim, Frantz Fanon reforça a ideia de que é muito escuso o pensamento de reduzir esse comportamento do negro como um indicativo de que ele tem um complexo de dependência com o branco, conforme comumente é afirmado, já que os colonizadores durante

muitos anos foram os responsáveis para que os negros sintam paradoxalmente esse desprezo a própria identidade e a essa necessidade de se aproximar do perfil da "branquitude".

Conforme exposto no texto: "O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida" (FANON, 2008, página 180).

Nesse contexto, Hegel desenvolve sua teoria de que o negro condiciona seu valor humano de acordo com a percepção e o reconhecimento do branco. Com isso, Hegel chama atenção ao fato de que o negro, durante o processo de abolição e o período recente de pós-escravidão, teve a ação e o reconhecimento de sua suposta liberdade realizada pelo branco, mas não por ele mesmo. A partir desse exemplo, nota-se que os ex-escravizados apreendem a realidade dos ex-escravizadores outro como uma realidade natural, e não como uma realidade humana do próximo, passando a negar a sua própria realidade humana.

Com uma propriedade duvidosa, o teórico enuncia: "Historicamente, o negro, mergulhado na inessencialidade da servidão, foi alforriado pelo senhor. Ele não sustentou a luta pela liberdade." (FANON, 2008, página 182). Duvidosa esta, pois é sabido que inúmeras rebeliões e revoltas abolicionistas ocorreram pelo mundo.

No Brasil, durante o período do Segundo Reinado, de Dom Pedro II, ocorreram diversas, como a Cabanagem (nome dado à prática dos negros, índios e mestiços ao viverem em cabanas) na Província do Grão-Pará, a Balaiada no Maranhão, que teve inclusive um líder de um quilombo, o Negro Cosme, que comandou cerca de três mil homens armados em combates contra as tropas da monarquia, a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, pois quando a elite local chegou a proclamar a República do Piratini os negros jogaram um papel importante e conquistaram a reivindicação de libertação de todos os negros que lutaram ao lado de Bento Gonçalves contra a monarquia, por exemplo, e a notável e grandiosa Revolta dos Malês, que embora fossem negros já libertos tiveram entre suas reivindicações: melhores condições de vida aos negros libertos e abolição geral da escravatura; no atual Estados Unidos da América houve a Guerra de Secessão no século XIX, quando foi cobrado o preço de mais de um milhão de mortos para que se encerrasse a escravidão e, de fato, unificasse a nação; e no Haiti, que teve a primeira nação negra das Américas após ter conquistado sua libertação em 1794, com uma insurreição de escravos que expulsou os colonizadores franceses em 1803 a partir de conflitos armados organizados por eles mesmos.

Frantz Fanon nos mostra em seu texto que, contrariando um pensamento atual ainda

muito comum de que todos somos iguais e que discutir a questão racial é perda de tempo, a ideologia da suposta igualdade racial é também responsável por dar suporte para que o racismo ocorra de modo mais discreto. Isso acontece porque ser indiferente às questões raciais quanto à existência do racismo em sociedades multirraciais onde as relações humanas são notavelmente marcadas pelo desequilíbrio das condições de vida entre as etnias tem como resultado o suporte àqueles que detêm a hegemonia – no caso das sociedades analisadas por Fanon, os brancos.

Ademais, o autor vê incoerência em outro discurso errôneo comum que compara racismos de diferentes sociedades ou épocas no sentido de categorizar um como pior que o outro (FANON. 2008. Páginas 84-86). Isso porque as diferentes manifestações racistas são igualmente perversas visto que, no fim, todas funcionam como mecanismos de exclusão social das pessoas negras.

As análises realizadas em "Pele negra, máscaras brancas", portanto, apontam que a alienação do negro é um fenômeno socialmente construído, que operavam como um mecanismo notável do colonialismo e que, atualmente, funciona como uma sistemática estrutural e estruturante do capitalismo. Nisso, observa-se que o racismo, para além de os domínios coloniais, funciona como um mecanismo de distribuição de diversas formas de privilégio em sociedades profundamente marcadas pelas desigualdades sociais. Logo, parafraseando Nietzsche em Vontade de Poder, é preciso compreender que o comportamento do ser humano não é somente reativo, pois sempre há ressentimento em uma reação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAPÉCIA, Mayotte. *Je suis Martiniquaise*. França, 1948.

DE CLARAMONTE, Andrés. *El valiente negro en Flandes*. Espanha, século XVII.

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs* (Pele negra, máscaras brancas). Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

GUEX, Germaine. *A síndrome do abandono*. França, 1973.

MARAN, René. *Un Homme pareil aux autres*. Martinica, 1947.

NETO, José Alves de Freitas. **História Geral e do Brasil** – Volume Único. São Paulo:Editora Harbra, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de poder**. Editora Contraponto, 2008.

SADJI, Abdoulaye. *Nini, mulâtresse du Sénégal*. Senegal, 1954.